

O USO DO VÍDEO NA PESQUISA DE PSICOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO OUTRO

Lineu Norio Kohatsu
Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo
lineu@usp.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como proposta discutir o uso do vídeo a partir da minha pesquisa realizada junto à população ribeirinha do médio Rio São Francisco.

Em dezembro de 2008 realizei uma viagem de duas semanas pela região do Médio São Francisco, passando por oito cidades, de Pirapora (MG) a Bom Jesus da Lapa (BA), com a intenção de realizar uma pesquisa e um vídeo documentário¹ a partir das histórias de vida de velhos ribeirinhos.

O projeto foi motivado inicialmente pela polêmica questão da transposição do rio na região do semi-árido. Todavia, com o prosseguimento da pesquisa foi possível observar que este era somente um de um conjunto de problemas que há décadas vem afetando o rio como a construção das barragens, a devastação das matas ciliares, poluição, assoreamento entre outros (cf. Coelho, 2005) que implicam em mudanças nos modos de vida e subsistência dos povos ribeirinhos, como também em mudanças nas suas tradições culturais e religiosas.

A situação do rio São Francisco é complexa não somente devido sua extensão², pois atravessa cinco estados (MG, BA, PE, SE e AL) e 504 municípios, mas também pela diversidade geográfica e regional como, por exemplo, a existência de várias comunidades indígenas e quilombolas, por um lado, e fazendas voltadas para agricultura de exportação, por outro.

Em função do objetivo do trabalho que foi compreender e registrar em vídeo o modo como os ribeirinhos têm vivido essas mudanças, tomei como referência os procedimentos adotados na História Oral, mais especificamente a história oral de vida (cf. Meihy, 2008; Meihy e Holanda, 2007). A intenção, contudo, não era focar exclusivamente as histórias pessoais, mas conhecer por meio delas a história das localidades e da região e apreender como as mudanças têm sido incorporadas subjetivamente por essas pessoas. Nesse sentido, não houve de minha parte a preocupação em conferir dados e fatos relatados pelos entrevistados com outros tipos de documentos.

Foram gravadas 14 entrevistas em vídeo, com duração aproximada de 50 minutos cada, todas autorizadas por escrito. Contudo, neste trabalho são apresentados

¹ O projeto de trabalho não se restringe somente a essa região. Em julho de 2008 realizei uma viagem para a Serra da Canastra, onde se situa a nascente do rio São Francisco, e gravei o depoimento de um senhor, ex-garimpeiro. Pretendo também dar continuidade ao projeto, seguindo viagem pelo curso do rio, abarcando a região do Submédio e Baixo, até chegar na Foz situada na divisa entre Sergipe e Alagoas.

² Segundo o site do Ministério da Integração <<http://www.integracao.gov.br/saofrancisco/rio/index.asp>> a extensão do rio é de 2700 quilômetros. Contudo, encontramos a referência de 2863 quilômetros no site da CHESF <http://www.chesf.gov.br/riosaofrancisco_dadostecnicos.shtml>.

somente os relatos de oito pessoas em função do recorte proposto, a ser explicado adiante. Abaixo apresento um quadro-resumo com alguns dados dos entrevistados:

Nome ³	Idade / ano nasc.	Local de nascimento	Cidade onde vive atualmente	Ocupação atual (a) ou exercida
Carlos	79 / 1929	Cachoeira-BA	Pirapora-MG	Comandante do vapor Benjamim Guimarães (a)
Antônio	75 / 1930	Paracatu-MG	Ponto Chique-MG	Pescador, agricultor
Marcelino	80 / 1928	Angical-MG	Angical-MG	Carpinteiro e artesão de rabeça e viola (a)
Eugênio	64 / 1944	Montalvania-MG	Januária-MG	Proprietário de Hotel (a)
Ciça	63 / 1945	Brejo do Amparo -MG	Brejo do Amparo-MG	Zeladora da Igreja do Rosário (a)
Gilson	93 / 1915	Manga-MG	Matias Cardoso-MG	Vendedor de lenha, pescador, vaqueiro, agricultor, delegado, vereador, juiz de paz.
Pilar	96 / 1912	Matias Cardoso-MG	Matias Cardoso-MG	Agricultora
Herculano	74 / 1934	Carinhanha-BA	Carinhanha-BA	Padeiro, carpinteiro, professor, escritor e músico

A busca dos colaboradores ocorreu primeiramente em função da idade, pois desejava entrevistar idosos pelo maior tempo de experiência de vida e maior conhecimento da história da localidade e do rio. Também foi considerada a diversidade das atividades laborais e culturais exercidas pelos participantes.

O procedimento adotado para composição do grupo de entrevistados implicou posteriormente em alguns questionamentos de minha parte como o fato de não formarem uma comunidade por serem de localidades distintas, embora fazendo parte da mesma região. Embora a diversidade dos entrevistados tenha sido buscada, questionava-me se seria possível encontrar alguma unidade ou pelo menos alguns elos de ligação entre as diferentes histórias coletadas por meio de entrevistas abertas, tal como recomendado por Meihy (2008, p.146).

A partir da escuta e observação das entrevistas gravadas, descobri, para minha surpresa, muitos aspectos comuns nas narrativas dos colaboradores, principalmente relacionadas às histórias das localidades e do rio. Pude notar, então, que o rio era o meio de ligação das histórias de vida tão distintas. Muitos entrevistados, ao falarem sobre o rio, contavam também sobre os vapores e como estes figuravam nessa paisagem composta em um tempo já ultrapassado pelo progresso.

Apresentarei a seguir trechos dos depoimentos de oito pessoas que relataram espontaneamente sobre os vapores. Esses trechos estão organizados nos seguinte subtemas: As cidades no passado; Os barcos a vapor do São Francisco; As mudanças nas tradições; Do passado para o presente: A degradação do rio e o fim dos vapores.

³ Os nomes foram substituídos para preservar a identidade dos depoentes.

Após a apresentação dos depoimentos proponho uma discussão sobre os significados encontrados e posteriormente uma reflexão sobre as implicações do uso do vídeo na relação entre o pesquisador e os participantes.

As cidades no passado

Professor Herculano

(...) A cidade era sem calçamento, sem luz, era iluminada por lampião de gás, existiam os lampiões de gás, lumiavam a noite todinha.

Sr. Eugênio

Era 1953 e naquele tempo a locomoção era carro de boi – era o Brasil de ontem – carro de boi e tropa. Eu era menino que vinha na tropa.

Professor Herculano

Sabe o que é tropa? Tropa é um bocado de burro, trezentos, quatrocentos burros trazendo do município e vendendo para o povo aí: toicinho, jabá.

Mestre Marcelino

E carro de boi entrava de cá e saía lá fora, lá dentro. As casas eram poucas.

Dona Ciça

Depois tinham as carroças, naquele tempo nem caminhão quase não tinha, era mais carroça e ia carregando as mercadorias para os armazéns.

Sr. Antônio

(...) Não tinha estrada de ônibus, não tinha carro, não, ninguém conhecia carro, não. O primeiro carro que entrou aqui na cidade, cidade não, Ponto Chique, o primeiro carro foi um tal de Sedan.

Mestre Marcelino

Muitos caminhão velho que tinha. Não lembro mais nem como é que era, eles eram só de quatro roda, quatro pneu. Aquilo quando chegava o povo arrancava tudo pra ver, outros corriam até com medo, como é que um trem daquele andava sem não ter nada puxando ele, aquilo era uma confusão. Olha hoje como é que está...

Os barcos a vapor do São Francisco

Dona Ciça

Era bonito, menino, quando chegavam esses vapores, daqui a gente escutava o apito do vapor, era muito bonito!

Professor Herculano

Eu conheci esse rio aqui cristalino, sem poluição, era lindo, lindo mesmo, os vapores subindo e descendo.

Capitão Carlos

A única via de acesso, ou seja, de transporte no São Francisco, aqui, uns anos atrás, era exclusivamente os vapores e empurradores; então, quer queira, quer não, teria que passar pelo São Francisco.

Sr. Antônio

(...) Eu? Andei, andei no vapor. O senhor conhece ele?

Sr. Eugênio

Eu era pequeno, tinha nove para dez anos de idade. Mas a beleza do São Francisco naquele tempo, muito peixe, muito pato selvagem, o biguá, aquele mergulhão. Então o vapor estava andando, aquilo mergulhava e eu achava muito lindo.

As mudanças nas tradições

Dona Ciça

Naquele tempo não tinha televisão, não tinha rádio, ele (pai) ia contar história para nós. Ele chegava cansado, coitado, de noite, puxava enxada o dia todo, na hora que ele chegava tomava banho, jantava, aí ele ia recostar lá na cama nós ia tudo em volta dele e pedia para contar história. As histórias que ele contava... Ele dramatizava aquelas histórias.

Prof. Herculano

A lenda do Cumpadre d'água, do Caboclo d'água, outros falam Nego d'água, a Mãe d'água, a Serpente misteriosa do rio São Francisco e o pessoal contava essas histórias. Aqui tinha, na minha época, umas mulheres contadoras de histórias. Você ia para a casa delas e elas contavam histórias cantadas, de rei, de rainha, coisa linda. Essa cultura morreu.

Sr. Gilson

Naquele tempo tinha Bicho d'água, Caboclo d'água, Mãe d'água. Eu nunca vi, não, mas meu pai já viu Mãe d'água – daqui pra riba era mulher, pra baixo era dourado (peixe). Agora, Caboclo d'água, eu já vi. Era pequeno assim, pretinho. Esse eu já vi, morava aqui dentro do rio. Hoje acabou, não tem mais.

Dona Pilar

Era uma festa, a festa do Divino, era a festa mais apreciada. Era uma festa muito animada. Aí foi indo, foi acabando, diminuindo tudo. Os velhos foram acabando... Até os modos do sino da igreja aqui está tudo diferente. Mudou tudo.

Do passado para o presente: A degradação do rio e o fim dos vapores

Prof. Herculano

Desmataram o lado direito e o lado esquerdo das margens, quando vem a chuva, a enxurrada vem e como não tem as árvores e as raízes para sustentar, então derruba o barranco e vai cair tudo no rio.

(...) Todo esse desmatamento o rio vai sofrer porque o rio precisa de seu lençol de água que é colocado pelos rios, os seus afluentes – os afluentes estão secando! Em Correntina, perto daqui, que era do município de Carinhanha, sete rios já desapareceram!

(...) E o rio continua aí, seco. Agora que você está vindo nas águas, ele está cheio, mas tem vez que você atravessa de a pé para o outro, não precisa nem de canoa, mais. E por

isso os vapores não funcionaram mais, não viajaram mais porque não tem onde passar. As lanchas de carranca - a sua proa era a carranca, acabaram.

Pilar

O rio tem vez que seca. Teve um ano que o povo fazia brincadeira no meio do rio, não era?

Sr. Gilson

O rio mudou demais. Lá na minha fazenda, lá o rio era noventa metros de fundura. Hoje está raso.

(...) Teve um ano aqui que nego atravessou de pé, de um lado para o outro.

(...) Mas o rio acabou, acabou, está raso demais. O vapor não anda mais, não pode mais andar.

Dona Ciça

Aí depois, com o tempo, foram desmatando, a água foi descendo, o rio São Francisco não suportou mais os vapores andarem, porque ele secou, ficou muito seco.

Sr. Eugênio

Com a construção das barragens – Pandeiros, em 59-60, Barragem de Três Marias – houve a retenção das águas e o fluir naturalmente das águas deixou de acontecer.

Capitão Carlos

Mudou, inegavelmente, mudou. O rio está muito assoreado, os bancos (de areia) mais próximos uns dos outros e não está tendo aquela manutenção.

(...) A partir da barragem de Sobradinho, em 1972, foram desativando aos poucos. E foi pela evolução do tempo, diminuindo o transporte de passageiros e passou a ser mais é de carga e ficou sendo ativado através dos empurradores.

(...) O Benjamim Guimarães é o último atualmente a vapor, caldeira, lenha e roda a popa mundialmente.

(...) Atualmente só existe o Benjamim Guimarães e este, graças a Deus, eu tenho a honra de estar comandando.

Propondo algumas questões

Ao rever os depoimentos após serem organizados segundo os temas propostos, sou levado a pensar dois grupos de questões:

- O que pude apreender a partir das narrativas dos ribeirinhos?
- Como se deu o meu olhar sobre o outro? Qual foi a minha intenção e o que me motivou? Que imagens do outro e de sua realidade foram construídas por meio do vídeo?

Sobre a primeira questão, a minha atenção se voltou ao modo como relataram o passado: as cidades iluminadas pelos lampiões a gás; os carros de bois e as tropas levando e trazendo as mercadorias; as águas limpas e cristalinas, com muitos peixes e mergulhões; os vapores navegando pelo rio; as histórias fantásticas contadas pelos mais velhos, as festas comunitárias. E também sobre como relatam o presente: as matas devastadas, as margens corroídas pela erosão, o rio poluído, assoreado, raso, sem peixes, sem os seres encantados, sem os vapores.

É possível notar um certo tom nostálgico em suas narrativas, pois no presente já não se encontra mais o que havia no passado. A nostalgia vem por conta da perda que se constata quando se olha para o presente. Com o passado desaparece aos poucos o lugar que ocupavam na comunidade, não só porque deixaram de exercer a atividade antes exercida, mas porque essas mesmas foram diminuindo ou estão em vias de desaparecimento: o vendedor de lenha para o vapor, o artesão de rabeca, a lavradora, o pescador, a zeladora da igreja, o comandante do navio... As novas gerações não vêm mais sentido em seguir as ocupações dos mais velhos e partem para buscar trabalho fora das localidades, migrando para os grandes centros. Assim, não só as atividades se extinguem como também se perde o sentido da transmissão da experiência, das histórias, das lendas e tradições que faziam parte desse contexto; desaparece, assim, a importância dos narradores, tal como apontado por Walter Benjamin⁴. Nesse processo de desenraizamento das novas gerações, a verdade (alethéia como não esquecimento) sobre o passado desaparece juntamente com a memória.

Nesse cenário visualizado pelas narrativas, cada um dos depoentes pode ser visto um pouco como o próprio navio a vapor Benjamim Guimarães: anacrônicos como os vapores que desaparecem, mas sobreviventes de um tempo passado que, apesar da dureza e da rusticidade da vida, proporcionava-lhes um lugar a ser ocupado e um sentimento de pertencimento na comunidade. As mudanças e o progresso trouxeram algumas comodidades e conforto para a vida, mas cobraram deles – velhos e novos - o preço do desenraizamento.

Se cada um dos narradores é como o vapor, a vida é como o rio São Francisco – suas águas vão passando e apagando as marcas de um tempo. Mas na medida em que a vitalidade do rio diminui, é como se a vitalidade e o fluxo da memória, a capacidade de memorar, contar, também desaparecesse.

Esboçadas algumas linhas de reflexão sobre a primeira questão, parto para o segundo grupo de perguntas: Como se deu o meu olhar sobre o **outro**? Qual foi a minha intenção e o que me motivou? Que imagens do **outro** e de sua realidade foram construídas por meio do vídeo?

A princípio eu estava a procura de diferentes experiências de vida, em tempos e lugares diferentes, enfim, diferentes realidades.

É bastante sabido que a diferença – imaginária ou não – tem sido a principal razão para se capturar imagens, tirar fotos, fazer um vídeo. Essa intenção de registrar a imagem do outro, principalmente como diferente e exótico é discutida por historiadores como Kossoy (2007) e a ensaísta Susan Sontag (2004) que revelam a dimensão ideológica presente na fotografia.

Kossoy, fazendo referência a antropologia do século XIX, adverte:

É fundamental perceber que, em determinadas imagens etnográficas, trata-se de produtos ideológicos etnocentristas e racistas – tal como foram produzidos e veiculados no passado, quando as teorias pseudo-científicas estavam em voga (...) (KOSSOY, 2007, p.57).

Kossoy observa que nesse período a exploração das imagens do outro (índios, negros, colonizados) reforçava a idéia da superioridade racial do branco e a inferioridade dos selvagens e primitivos, sempre representados de modo exótico ou como domesticados. Em outro trabalho intitulado “O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX”, Kossoy e Carneiro (1994) mostram como as

⁴ Refiro-me ao ensaio “O narrador”, escrito em 1936, sobre o escritor russo Nikolai Leskov.

fotografias realizadas pelos europeus reforçavam o conceito que faziam da América Latina, revelando a conotação ideológica e etnocentrista existente na época.

Sontag (2004) mostra que a pobreza e a miséria também foram temas de interesse de fotógrafos de classe média que viam essa realidade como estranha e exótica. Um exemplo muito interessante citado pela autora é o trabalho do fotógrafo Jacob Riis que organizou as fotos dos pobres de Nova York no livro intitulado “How the other half lives”, publicado em 1890.

A relação com o outro mediada pelas imagens visuais também tem sido há muito tempo discutida pela antropologia e a aproximação da psicologia com essa disciplina poderia resultar em um diálogo muito interessante. Como a lista dos antropólogos e documentaristas que utilizaram os recursos visuais é extensa, me atrevo aqui a dividi-los, a princípio, em dois grupos ou em dois modos de registrar e representar as diferentes culturas: o olhar de fora e o olhar de dentro. O primeiro ocorre quando o registro é feito por alguém (o pesquisador, o antropólogo etc.) de fora do grupo estudado. O segundo ocorre quando o registro é proposto para aqueles que pertencem ao grupo⁵. Mas há ainda uma terceira perspectiva que compreende a representação como uma construção através da interação de diferentes pontos de vista, uma antropologia partilhada, tal como realizado por Jean Rouch (FREIRE, 2007).

Nessa perspectiva, a realidade representada não é somente determinada pelo olhar do pesquisador-documentarista, nem pelo olhar do sujeito (que também já supõe um espectador de fora da cultura), mas uma construção mediada pelo aparelho que interfere e modifica a realidade que dá origem à representação que, por sua vez, sintetiza e explicita a dimensão ficcional e documental da obra.

E no caso deste estudo, qual foi a perspectiva adotada?

Primeiramente eu tive a impressão de que os participantes estavam me contando somente o que eu gostaria de ouvir. Contudo, percebi que ao pensar desse modo não estava considerando o outro como sujeito com seus próprios sentimentos, pensamentos e desejos. Por outro lado, reconheço que estaria cometendo um erro se eu não considerasse que foi a minha presença que provocou as narrativas ou, pelo menos, a gravação dos depoimentos em vídeo. É ainda importante considerar a edição do material como uma construção e interpretação da realidade. Assim, o vídeo não é apenas um registro objetivo da realidade ou somente uma representação subjetiva, mas uma representação objetiva construída por meio de relações subjetivas.

Nessa perspectiva, quando observo a nostalgia em relação ao passado, pergunto, a quem pertence esse sentimento? Aos narradores ou ao observador? Ou, podemos reconhecer a nostalgia porque houve diálogo e empatia nas relações. Desse modo, somente foi possível compartilhar e compreender a experiência alheia - o sentimento de nostalgia - porque pude recorrer e levar em consideração a minha própria experiência.

Mesmo considerando que a representação é construída pela interação, algumas vezes o pesquisador-documentarista pode tomar o outro apenas como seu objeto, construindo uma imagem exótica e estereotipada do outro, mostrando somente as diferenças e negando as semelhanças. Nesses casos, o vídeo limita sua função apenas ao espetáculo. Portanto, torna-se importante que o pesquisador questione suas intenções e representações para evitar idealizações ou preconceitos contra o outro e seu contexto.

Quando tomamos a diferença como o tema de nosso estudo, nós podemos reproduzir a distância entre nós e os outros e assim apenas reforçar os sentimentos de

⁵ Um exemplo interessante é o projeto Vídeo nas Aldeias. Ver: <<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php>>

ameaça e medo, ou podemos tentar transformar nosso olhar frente o estranho⁶ e buscar nele a aquilo que nos é familiar (em sua dimensão não ameaçadora) e aceitável.

O que está presente em meu trabalho, portanto, é uma discussão sobre nossa relação com o "outro", diferente de nós, de mim. Em minha pesquisa, o que proponho indagar é a possibilidade do encontro com o "outro", sobre a possibilidade de compreender sua experiência a partir da minha. Nesse sentido, a proposta metodológica é de interlocução, sem deixar de considerar nenhuma das mediações (teóricas, ideológicas, lingüísticas e midiáticas), interferências e ruídos possíveis. Mas é, sobretudo um esforço de aproximação, tradução, interpretação, para compreensão dessa experiência alheia e também uma reflexão sobre a minha e a nossa condição no mundo. Ou seja, a despeito da diversidade, das diferenças, se podemos reconhecer e compartilhar a humanidade que nos é comum. Certamente não é uma tarefa fácil, mas é estimulante vislumbrar essa possibilidade.

Referências

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas v.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. Ministério da Integração. Disponível em: <<http://www.integracao.gov.br/saofrancisco/rio/index.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2008.
- BRASIL. Ministério de Minas e Energia. Companhia Hidro Elétrica do São Francisco. Disponível em: <<http://www.chesf.gov.br/riosaofrancisco/dadostecnicos.shtml>>. Acesso em 18 nov. 2008.
- COELHO, Marco Antônio T. *Os descaminhos do São Francisco*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, M. Relação, encontro e reciprocidade: algumas reflexões sobre a ética no cinema documentário contemporâneo. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 14, p. 13-28, dez. 2007.
- FREUD, S. (1919). O estranho. In: _____ *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.17).
- KOSSOY, B. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- KOSSY, B. e CARNEIRO, M.L.T. *O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1994.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. "Palavras aos jovens oralistas: entrevistas em História Oral". In: *Oralidades: Revista de História Oral*. Ano 1, n.3. São Paulo, NEHO, 2008, 141-150.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fábíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- SONTAG, S. Objetos de melancolia. _____ *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁶ Refiro-me ao conceito de Unheimliche de Freud (1919/1976).